

TOPOAPATIA, TOPOFILIA E TOPOFOBIA: ABERTURAS EMOCIONAIS DOS LUGARES

TOPOAPATHY, TOPOPHILIA AND TOPOPHOBIA: EMOTIONAL OPENINGS OF PLACE

 Carlos Roberto Bernardes de Souza Júnior ^A
Alexsandro Costa de Sousa ^B

^A Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá, PR, Brasil
^B Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória, ES, Brasil

Recebido em: 17/12/2023 | 05/09/2024 DOI: 10.12957/tamoios.2025.80845

Correspondência para: Carlos Roberto Bernardes de Souza Júnior (carlosroberto2094@gmail.com)

Resumo

Lugares são espacialidades permeadas por emoções, vínculos e múltiplas formas de afeto que transcendem uma dimensão puramente extensiva do espaço. Em razão disso, faz-se possível estruturar geografias emocionais que interpretam as variadas relações corpo-sensoriais inerentes à lugaridade de ser-no-mundo. Nesse sentido, o ensaio almeja identificar como as emoções e os vínculos de lugar expressos na topofilia, na topofobia e na topoapatia se correlacionam a um espectro de afetos ambivalentes. Para tanto, parte-se da problematização teórico-metodológica fundamentada na Geografia Humanista e Cultural, especialmente no subcampo da Geografia das Emoções, articulada aos estudos das fenomenologias dos lugares e das emoções. Considera-se que as distintas manifestações dos vínculos de lugar pautados na afeição topofílica, no medo topofóbico e na supressão topoapática demonstram o dinamismo e as multiplicidades afetivas intrínsecas à experiência geográfica. As aberturas emocionais implicam em tramas de porosidades e polissemias do fazer-lugar, de forma a expressar teias de significados e sentidos que englobam dimensões intersubjetivas e intercorporificadas das lugaridades.

Palavras-chave: Geografias emocionais; geograficidade; vínculos de lugar; Geografia fenomenológica.

Abstract

Places are spatialities enveloped by emotions, attachments and multiple affects that go beyond a purely extensive special dimension. In accordance to this conception, it is possible to structure emotional geographies that interpret the multiple bodily-sensorial relations inherent to the placeness of being-in-the-world. Thus, this essay aims to identify how place emotions and attachments expressed in topophilia, topophobia and topoapathy are correlated to the full spectre of ambivalent affects. In order to do so, it follows a theoretical-methodological problematization founded on Humanistic and Cultural Geography, especially the subfield of Emotional Geography, that is articulated with the phenomenological studies of place and emotions. It considers that the distinct manifestations of place attachments based on topophilic affection, topophobic fear and topoapathic suppression demonstrate the affective dynamism and multiplicities intrinsic to geographical experience. The emotional openings implicate weaving the porosities and polysemy's of place-making, which expresses the networks of senses and feelings that are enveloped in place's intersubjective and intercorporal dimensions.

Keywords: Emotional geographies; geographicality; place attachment; Phenomenological geography.



INTRODUÇÃO

O conceito de lugar é uma expressão das porções do espaço dotadas de significações e definições. Como difundido pela proposição da Geografia Humanista popularizada por Tuan (2013), ante a um espaço geométrico e abstrato, o lugar trata das conexões, dos vínculos e dos sentidos que são atribuídos relacionamente por aqueles que nele vivem.

Cada lugar emerge das potencialidades do mundo-da-vida e das experiências que enovelam as existências cotidianas, assim como suas sensações corpo-perceptivas. Para as pessoas que se associam a um dado lugar, é recorrente que esse seja articulado a memórias, narrativas e emoções convergentes àquela dada espacialidade. Nesse sentido, a lugaridade é também um desdobramento das relações emocionais das pessoas com os espaços onde coabitam.

Esse caráter referente aos sentimentos e, de modo mais amplo, aos afetos entre os seres humanos e as espacialidades têm sido expandidos pela Geografia das Emoções, um subcampo da Geografia Cultural. Segundo Davidson, Bondi e Smith (2007), os estudos desses(as) geógrafos(as) almejam sublinhar a importância de entender como diferentes afetos emotivos e corporificados influenciam na experiência geográfica das pessoas.

Pautados nas formas de interação e nas dinâmicas espacializadas das emoções, especialmente nas paisagens e nos lugares, os crescentes estudos nesse campo indicam a importância material e espacial das experiências emocionais (Davidson; Bondi; Smith, 2007). Aliado a esse processo, Thrift (2008) descreve que há também uma tendência incremental de geógrafos(as) que utilizam técnicas, metodologias e teorias voltadas para as relações afetivas, as imaginações emotivas e as paixões associadas aos espaços vividos.

Tais discussões são particularmente intensas no contexto teórico-metodológico anglófono (Pile, 2010) e envolvem a busca por maneiras de entender as multidimensionalidades das variadas emoções intrínsecas às relações com os lugares. Em razão do enfoque tomado por essas questões, faz-se importante retomar a discussão sobre topofilia (apreço ao lugar) e topofobia (repulsa ao lugar) incitada por Relph (1976B). Ambos os conceitos podem ser acrescidos da proposta de ponderação acerca da topoapatia, um desdobramento da apatia ao lugar ocasionada pela rotina ou por um conjunto de outros fatores afetivos. A nossa proposição-reflexão sobre a topoapatia almeja preencher uma lacuna referente aos estudos dos afetos apáticos por meio da perspectiva fenomenológica, algo que não contemplamos na bibliografia preexistente.

Destarte, com base nas incitações suscitadas pelas reflexões das geografias emocionais, nesse ensaio objetivamos compreender como as emoções e os vínculos de lugar expressos na topofilia, na topofobia e na topoapatia se correlacionam a um espectro de afetos ambivalentes agenciadas de maneira particular ou coletiva que se desenvolvem em nossa corporeidade. Para tanto, realizamos uma problematização teórico-metodológica fundamentada nas perspectivas da Geografia Humanista e Cultural, assim como nas fenomenologias do lugar e das emoções.

Nessa trajetória, efetivamos uma hermenêutica de outras obras que nos antecipam, mas que ao mesmo instante se articula com nossas reflexões epistemológicas sobre a temática em



foco. Articulado à revisão bibliográfica, realizamos a interpretação de estudos precedentes de modo a buscar neles elementos para descosturar e recosturar uma tessitura que se posicione de forma subjetiva e fenomenológica sob o tecido das afetações, emoções e sensações. Mais que um todo enumerativo de referências, trata-se de um caminho para situar as investigações precedentes e as enlevar como trajetória para a suspensão que possibilita desvelar o fenômeno em foco.

Logo, assumimos que nos deparamos com epistemologias que abalizaram seus estudos a partir de perspectivas de uma geografia fenomenológica, o que gerou uma condição própria no horizonte da Geografia. Desta forma, entendemos que há mais uma ‘virada’ na Geografia, a emocional, quando sua disposição se confronta com as ambíguas produções de lugares pelos seres que estão-aí. Estamos interessados tanto reconhecer esses lugares, em um sentido mais fenomenológico, quanto em identificar como as guias teóricas de nosso quadro referencial nos levam a problematizar a respeito das emoções como produtoras de topologias.

Em suma, trata-se de um ensaio de reflexão hermenêutico-epistemológica que enseja preencher uma lacuna referente aos estudos geográficos sobre a apatia, afeto pouco presente nas investigações fenomenológicas focadas ora na topofilia (Tuan, 2015), ora na topofobia (Trigg, 2017A). Ao rediscutir os conceitos de topofilia e a topofobia, buscamos fazer a suspensão conceitual pré-existente para contribuirmos com outros pontos de vista sobre o tema nevrálgico do conceito de lugar, o infundindo pela amplitude emocional que inclui uma nova construção sobre o tema, trazendo à baila a concepção de *topoapatia*.

O ensaio foi estruturado em três seções. Na primeira, *Emoções e dinâmicas do lugar*, almejamos discorrer sobre as geografias emocionais e as maneiras pelas quais elas abordam as relações entre emoção e lugar. Em sequência, a seção *Emoções nos horizontes da topofilia, topofobia e topoapatia* enfoca-se nas distinções entre essas diferentes expressões dos vínculos de lugar concernentes a emoções particulares. A parte final, *Aberturas e ambivalências dos vínculos de lugar*, indica o caráter ambíguo e poroso das manifestações emotivas das relações de lugaridade.

EMOÇÕES E DINÂMICAS DO LUGAR

No início da década de 2000, um conjunto de pesquisadores da Geografia Cultural operou uma virada emocional (*emotional turn*) rumo a um crescente interesse pelas espacialidades das emoções. Essa proposta se realiza como continuidade à proposta dos(as) geógrafos(as) humanistas ascendentes de meados do século XX, a balizando com um enfoque particularizado. Davidson, Bondi e Smith (2007) sumarizam que a constituição desse subcampo, as geografias emocionais ou Geografia das Emoções, se cristalizou em estudos que visam analisar as lugarizações, relações e representações das emoções em diferentes contextos socioespaciais.



Nas revisões sistemáticas de Pile (2010) e de Smith *et al.* (2009), identifica-se um conjunto de propostas que analisam múltiplas expressões espacializadas das emoções, tais como cuidado, proximidade, conforto, desconforto, desmoralização, desespero, familiaridade, dor, pânico, estresse, romance, hostilidade, medo, dentre outras. A multiplicidade dessas pesquisas também se revela na variedade de áreas de contatos interdisciplinares, que perpassam pela filosofia, psicologia, etologia, antropologia, história, biologia, neurociência, sociologia etc. (Pile, 2010; Smith *et al.*, 2009).

O que reúne os participantes na virada emocional da Geografia é o interesse em espacializar as dimensões emocionais, de modo a demonstrar como elas envolvem questões culturais, políticas, sociais, ambientais e econômicas. Segundo Jones (2007, p. 207, tradução nossa, grifos no original), esse horizonte temático “reconhece o papel das emoções na construção do mundo e nas interpretações do mundo”.

As geografias emocionais tratam das vidas e experiências emocionais das pessoas em relação a determinados lugares e paisagens. Em razão desse enfoque, elas abrem o escopo da investigação geográfica para problemáticas relativas à (inter)corporeidade, as (inter)subjetividades, as interações relacionais e os imaginários espaciais social e culturalmente constituídos em torno das variáveis encontradas no amplo espectro dos fenômenos emocionais.

Nas palavras de Volvey (2016, p. 03, tradução nossa, grifos no original), trata-se de ressaltar “a dimensão emocional [da construção] dos *conhecimentos geográficos* ou dos *mundos-de-vida*, e mais ainda dos *conhecimentos geográficos situados* – e, portanto, de definir um novo objeto de estudo na Geografia”. As geografias emocionais exploram as complexidades de ser-no-mundo e as maneiras por meio das quais as lugaridades que decorrem dessa condição se articulam entre as percepções, as experiências e as significações emocionais.

Salientar essa dimensão colabora para desvelar como as maneiras pelas quais as pessoas conhecem e se relacionam com a realidade geográfica convergem a sentidos provenientes de variadas emoções. Conforme escreve Silva (2016, p. 105), “em tempos e lugares particulares, há momentos em que as vidas são explicitamente vivenciadas pela dor, pelo luto, pela raiva, pelo amor e assim por diante, em que o poder das relações emocionais não pode ser ignorado”. Existe um caráter multivalente das topografias afetivas que são constituídas pelas condições de ser-no-mundo que efervescem nas expressões emocionais, de forma que essas também fazem parte da experiência geográfica.

Do ponto de vista da fenomenologia das emoções, pode-se compreender que toda expressão emocional é ao mesmo tempo geral e situacional, como problematiza Gendlin (1973). As emoções emergem daquilo que os sujeitos sentem em um dado momento espaço-temporal. As pessoas não escolhem objetiva e racionalmente o que, quando ou como vão se sentir ou a maneira que reagirão a uma experiência. Logo, as emoções são desdobramentos usualmente espontâneos de uma condição corpo-sensorial decorrente dos circuitos ativos da percepção.

Ao mesmo tempo, as emoções não se resumem a expressões epifenomenais em resposta a uma dada causa e não são apenas algo interno, situado em uma mente pretensamente solipsista. Na perspectiva fenomenológica, Švec (2023, p. 155, tradução nossa) reitera que:



(...) elas não são estados mentais privados nem reações codificadas ocorrendo nas vísceras e no cérebro, na realidade elas se manifestam na forma de uma conduta motivada por solicitações perceptivas do ambiente.

Em razão desse princípio, as emoções podem ser entendidas como dinâmicas corporificadas decorrentes do ser-no-mundo que são afetadas pelos lugares e também interferem nas dinâmicas das lugaridades onde se manifestam.

Os sentidos emocionais dos lugares consubstanciam definições e significados que envolvem a subjetividade, mas a superam na medida em que a situacionalidade da manifestação das emoções são condutas partilhada entre seres. Há um caráter intersubjetivo na forma como cada lugar é valorizado, sentido e imaginado emocionalmente porquanto as emoções, embora possuam uma dimensão mental, também se externalizam em atitudes corpo-perceptivas.

Silva (2022) salienta esse elemento ao abordar que a subjetividade das emoções se cristaliza em ações que as materializam em contextos intersubjetivos inerentes aos mundos da cultura. Uma determinada emoção, seja ela raiva, angústia ou amor, somente possui significado quando ela se objetiva em uma prática, conseqüentemente se espacializando. Isso pode ser evidenciado nas feições faciais que se alteram ou na atmosfera afetiva que se forma em um local quando alguém externaliza uma opinião desconfortante, por exemplo.

Em acordo ao que propositam Silva (2022) e Švec (2023), é apenas quando a emoção é posta em uma situação de interação relacional, externalizada espaço-temporalmente, que ela afeta os sujeitos e, conseqüentemente, os próprios lugares onde ela ocorre. Esse elemento intersubjetivo coaduna para a concepção das geografias emocionais de que as “emoções se estendem para além do local do corpo para influenciar como as pessoas se relacionam umas com as outras, o espaço de seu entorno, a qualidade de seu movimento e seus sentimentos sobre os movimentos atuais e futuros” (Hughes; Mee, 2018, p. 05, tradução nossa). O caráter intercorporificado das expressões emocionais as situam como algo que permeia as relações afetivas com, nas e das lugaridades que permeiam a existência cotidiana.

Emoções fazem parte das criações, das transformações e das tensões situacionais dos engajamentos intersubjetivos de ser-no-mundo, de forma a serem fundamentais na metamorfose daquilo que começa como uma espacialidade indefinida em um lugar significativo. Segundo Davidson e Milligan (2004, p. 524, tradução nossa, grifo no original), “emoções podem claramente alterar o modo como o mundo é para nós, afetando nosso sentido de tempo e de espaço”. Dinâmicas emocionais importam porque possuem efeitos (in)tangíveis nas experiências geográficas, particularmente em como afetam as relações intercorporificadas.

Emoções são eventos e ações que ocorrem na concretude do mundo e envolvem uma multitude de seres em situações intersubjetivas que se cristalizam nos lugares (Smith et al., 2009). Interações lugarizadas, referentes às (res)significações espaciais decorrentes dos (des)encontros e dos movimentos das pessoas, envolvem uma multitude de formas de afetar e de ser afetado pelas emoções. Os vínculos positivos ou negativos que são estabelecidos entre seres e lugares perpassam por esse dinamismo corpo-perceptivo e existencial da interação emocional espontânea.



Se os lugares, como apontam Entrikin e Tepple (2006), podem ser constituídos, de forma intencional ou não, pelos hábitos e costumes tanto quanto pelo acaso, é pelas emoções que eles ganham densidade experiencial. Cada lugaridade é uma expressão de várias esferas emocionais intersubjetivas que expressam aquilo que foi sentido e compartilhado pelas manifestações das emoções daqueles que a constituíram ao coabitá-la. Indissociáveis dos seres que os definem, os lugares confluem das relações e imaginações emotivas em permanente transformação nos variados contextos de ser-no-mundo.

As espacialidades emocionais sublinham o nexó “da ação no/do espaço, de que nossas experiências não são neutras ou estáticas, mas são vivas e ativas” (Silva, 2023, p. 336). Dimensionadas no lugar, as emoções demonstram que existem fluxos constantes de significações que se transformam de acordo com as convergências e as divergências afetivas daqueles que nele vivem. Desse modo, os vínculos dos seres com os lugares são expressões fluídas das constantes mudanças que afetam os sentidos intersubjetivos das lugaridades experienciadas por meio dos circuitos ativos da percepção manifestos pelas emoções.

Por isso, acertamos em concordância com Serpa (2019) no que se refere a posicionar de maneira fenomenológica que o lugar é parte integral da vivência que se fundamenta a partir das experiências vinculantes. Entremeio a essa dinâmica, as pessoas atribuem as devidas interpretações aos fenômenos como afeiçoadoras ou não, positivas ou negativas, depois de as experienciarem como partícipes dos dinamismos do mundo-da-vida.

EMOÇÕES NOS HORIZONTES DA TOPOFILIA, TOPOFOBIA E TOPOAPATIA

Emoções permeiam as formas pelas quais os lugares são concebidos em suas relações intersubjetivas com os seres que neles se co-constituem. Um dos elementos centrais para a constituição da lugaridade é o conjunto de definições afetivas e sensoriais que são atribuídos a essas espacialidades por meio das experiências. Cada lugar é um centro de significações compartilhado por aqueles que com ele interagem (Relph, 1976A).

Em transcendência a uma dada localidade, as experiências e os fenômenos de lugar emergem da constituição de vínculos com aquele espaço. Seamon (1979) explica que essa vinculação emerge da relação de ser-no-mundo, das condições de estar e de ser em um lugar permeado por significações. Os vínculos de lugar são os componentes que indicam as razões, as direções e os sentidos para a definição de um lugar como nexó experiencial basilar da realidade geográfica em seu nível intercorporal e intersubjetivo.

Vincular-se ao lugar é um fenômeno complexo e com horizonte temporal variável. O evento vinculativo de um ou mais sujeitos a uma dada espacialidade que se torna lugar para eles(as) pode ser um momento significativo e curto decorrido em minutos ou mesmo uma experiência longa e duradoura de viver naquele local por anos. A temporalidade e a extensividade do espaço em que os vínculos são construídos variam em função de cada situação emocional e corpo-perceptiva que atribui significados definidores para os lugares.



Conforme expressa Seamon (2014, p. 12, tradução nossa), esses vínculos podem envolver múltiplos “outros aspectos do lugar – por exemplo, as qualidades geográficas ou culturais, o enraizamento relativo no lugar, o grau de envolvimento pessoal e social, a qualidade de vida, as estéticas ambientais, a identidade individual ou de grupo com o lugar, e assim por diante”. Os vínculos de lugar são desdobramentos das reciprocidades das espacialidades emocionais que se conformam entremeio a uma sinergia vivida que plasma aspectos culturais, psicológicos, corporais, perceptivos e simbólicos.

As experiências geográficas emergentes do dinamismo do mundo-da-vida compõem as tessituras por onde os vínculos de lugar se formam. Para Seamon (1979), esses vínculos são definidos por seu caráter de atração, de modo que eles constituem os elementos que conectam os sujeitos a uma determinada espacialidade. A multiplicidade de sentidos dos vínculos de lugar expressa as variadas formas como os seres estão imersos no mundo-da-vida, de modo que as relações com os lugares podem ser mais ou menos frágeis em função de cada conjuntura e situacionalidade.

Cada qual em sua especificidade, tais elos sensitivos que articulam os seres aos lugares são fruto do amplo espectro de emoções e, como afirmam Scannel e Gifford (2014), nem sempre possuem uma valoração positiva. Essa vinculação também pode envolver contextos ou emoções permeadas pela negatividade e que convergem com a significação atribuída a um lugar. O medo que uma pessoa sente ao andar em uma praça esparsamente iluminada durante a noite, por exemplo, pode gerar um vínculo que faz com que aquele espaço tenha um significado particular e específico relativo à evitação ou a violência, o definindo como um lugar para ela.

Como aponta Relph (1985, p. 27, tradução nossa):

(...) por vezes há uma afeição forte (topofilia) por lugares particulares, mas ela pode ser paralela a uma aversão (topofobia) a outros lugares. Pertencer a um lugar, sentir-se parte dele, traz para muitas pessoas uma sensação positiva de segurança, mas para outros pode ser opressiva e restritiva.

É necessário observar como essas diferentes maneiras de se vincular ao lugar, positivas e/ou negativas, se desdobram em contornos geográficos de experiências emocionais. Essa dinâmica emerge em razão dos termos aglutinadores entre as relações das situacionalidades espaço-existenciais. As relações mudam junto às experiências em razão da consubstancialização do que Dardel (2011 [1952]) propõe no conceito de *geograficidade*. Como explica Holzer (2014, p. 282):

trata da experiência intersubjetiva de espaço (mundo) em seus fundamentos, quais sejam, distâncias e direções a serem vencidas, fisicamente ou na imaginação, sobre um determinado suporte que podemos chamar de ‘espaço geográfico’, constituindo-se a partir das vivências cotidianas como um centro de significados.

Desse modo, Dardel (2011) incita uma geografia fenomenológica capaz de nos levar a compreender os vínculos intensivos com o espaço, a condição de ser-e-estar-no-mundo. Contudo, ressalta-se que vincular-se abre as condições para filiações e estar filiado é estar preso a algo, o que no processo da existência não ocorre devido ao devir, a inconstância relacional inexorável da relação *com*, *nos* e *dos* lugares.



A geograficidade indica que viver no mundo implica em se fazer presente e parte deste mundo, o lugarizando (Dardel, 2011). Construir as lugarizações é um processo que ocorre mediante a forma que nos dispomos no mundo que nos envolve, seja, afetuosamente ou mesmo com *páthos* que determinam maiores estranhezas e simultaneamente impõe sobre o Ser-aí as condições contrárias à valorização tomada como sentido positivo.

Por isso, em certo momento pode-se ter amor pelo espaço, ódio e até mesmo apatias geradas pelas bifurcações sentimentais e emocionais em que se está envolto. Para cada dinâmica espaço-afetiva decorrem processos de topofilia, topofobias e topoapatias, emoções partícipes da realidade que estamos inseridos e que iremos apresentar mais amplamente de forma separada e conjunta como reveladoras no/do espaço-tempo das lugaridades que se projetam.

Topofilia

Um tema recorrente à Geografia das Emoções é o pressuposto topofílico que coaduna com aspectos encadeados pela ideia de pertencimento que muitos possuem sobre os lugares que vivem. Como elaborado por Tuan (2015 [1974]), a topofilia expressa a ideia matriz de amor aos lugares. A condição que esse pensamento resgata é defendida por aqueles que desejam manter vivas as suas interconexões. Isso ocorre principalmente em função de afetos positivos com os lugares, a partir do nexos *espaço vivido e espaço sentido*, que se tornam mecanismos que acionam (inter)subjetividades com as relações em-si, entre-si e entre-os-outros.

Destarte, é importante considerar os entre-caminhos que distinguem a topofilia, pois esse pensamento e sentido faz parte da essência do termo e o vínculo que se estabelece ocorre devido as percepções, as atitudes, os valores e as visões de mundo e os sentimentos que geram (Tuan, 2015). O geógrafo a define como “o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico. Difuso como conceito, vivido e concreto como experiência pessoal” (Tuan, 2015, p. 17). Trata-se de uma experiência ligada diretamente aos afetos de acolhimento e hospitalidade.

Considerando o fato de que a atitude é uma postura cultural dependente da situação espacial, Tuan (2015) continua na introdução topofílica que a atitude agrega um conjunto de percepções. Algumas dessas percepções se estabilizam com maior duração, pois são as experiências ao longo da vida que constituem os valores adquiridos em relação ao lugar que vivemos e dessa vivência se institui o olhar que temos do mundo. A partir dessa visão de mundo conceitualizada, subjetivada, a topofilia é formada pela via de um sistema de crenças e de atitudes estruturadas em torno da afeição a uma dada lugaridade.

Similarmente, Relph (1976A) situa que essas experiências dos lugares convergem a uma familiaridade autêntica com um *aqui*, com essa noção de que este é um espaço particularizado ante a outros. Pautado na conexão afetiva e afetuosas, aqueles que possuem vínculos topofílicos tendem a ter um sentido de cuidado e de preocupação com o lugar. Essas vinculações aparecem, por exemplo, nas situações em que as pessoas precisam se mudar dos lares que construíram ou na nostalgia da memória das casas de parentes que faleceram, como descreve Trigg (2012).

Lugares topofílicos remetem a espaços com bom apreço e sentimentos que se entremeiam nas vontades transformadas em pertencimento. Há de fato, uma geograficidade que envolve a esfera topofílica, pois do ‘elo’, como assegura Tuan (2015), se vincula a topologias



que se tornam a própria pele e órgãos do Ser. Acreditamos que a ideia de geograficidade de Dardel (2011), bem como as noções fenomenológicas do habitar em Heidegger (2012) e Bachelard (2008 [1957]), fundamentam as conexões intrínsecas à topofilia.

Posto que “os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material” (Tuan, 2015, p. 33) são as causas reveladoras do grau de intensidade atribuída a este ou aquele lugar, a topofilia expressa esse modo particular como o espaço habitado acresce de significações o espaço geométrico, similarmente ao que discorre Bachelard (2008) acerca do lar. Trata-se de uma definição da lugaridade permeada por vínculos hospitaleiros, receptivos, inclusivos e acolhedores.

Pode ser possível averiguar a aproximação das noções atribuídas ao vínculo com os lugares e a virtualidade da Geografia das Emoções em desejar se aprofundar mais nesse oceano ontológico por meio da comparação de quatro excertos pautados nos autores supracitados e sintetizados no quadro 1.

Quadro 1 – Perspectivas sobre a topofilia

Heidegger	“A referência do homem aos lugares e através dos lugares aos espaços repousa no habitar. <i>A relação entre homem e o espaço</i> nada mais é do que um habitar pensado de maneira essencial” (Heidegger, 2012, p. 137, grifo nosso).
Bachelard	“ <i>o espaço habitado transcende o espaço geométrico</i> ” (Bachelard, 2008, p. 62, grifo nosso)
Dardel	“ <i>O homem procura a Terra, ele a espera e a chama com todo o seu ser. Antes mesmo de tê-la encontrado, ele vai adiante dela e a reconhece. (...) O que o homem encontra, assim, na Terra, é uma ‘feição’, um certo acolhimento</i> ” (Dardel, 2011, p. 43-44, grifo nosso).
Tuan	“ <i>A familiaridade engendra afeição, quando não o desprezo. (...) O amor pelo lar, a saudade do lar são motivos dominantes, que reaparecem constantemente, mesmo nos mitos dos ancestrais totêmicos</i> ” (Tuan, 2015, p. 135-136, grifo nosso).

Fonte: Os autores (organização).

As quatro referências e os seus *grifos* constituiriam, em momentos bem distintos, uma definição bem apropriada para o que é exposto. Na interação entre elas, pode-se verificar que a topofilia sintetiza-se no seguinte sentido: *a relação com o espaço chamando com todo o seu ser, nada mais é que constituir uma familiaridade que engendra afeição pelos lugares*. O envolvimento deliberado pelo ser manifestou-se na correlação entre o habitar como individuação inseparável entre lugar-espaço-habitação e o ser que busca lugarizar-se como meio para a sua própria constituição ontológica.

Essas condições evidenciam a maneira relacional primária da afetividade vinculadora dos seres com seus lugares. A primeira linha transitória da formação geográfica do ser quando já se encontra na atmosfera intramundana é justamente a adequação à amabilidade a uma determinada topologia. Isso, inclusive, garante partes *enxertivas* da sua identidade social no tempo e espaço. A ocorrência de estar no espaço gera introdutoriamente a possibilidade do amor pelo lugar.



Os afetos pelos lugares podem estar encadeados em amabilidades fortes e vinculantes, verdadeiras amarrações que ultrapassam o sentido representativo inicial, de forma a construir elementos simbólicos e emocionais complexos que superam a extensividade. Afetar-se, afeiçoando-se positivamente pelos lugares, revela significações que tentamos compreender, mas que não nem sempre as pessoas conseguem exprimir em palavras. Nesse sentido, anuímos com o que escreve Chaveiro (2014):

Dessa feita, o homem não é o que apenas existe, vive, experimenta. É o que trama ações e trajetórias fora de uma moral pré-estabelecida, de uma anterioridade. Em sua vivência, os valores de ações são valores da vida. O corpo é este presente contínuo que vibra e vive, apalpa o mundo para ser e é entrelaçado aos lugares (Chaveiro, 2014, p. 263).

Os seres humanos tramam a vida se entrelaçando com os lugares, se afeiçoando a eles como elos de correntes fortes quando sentimentos de pertença os são revelados. A topofilia é, portanto, a expressão dos vínculos de lugar positivos concernentes ao apego, a paixão, a saudade e outros afetos apreciativos. De outro modo, tudo transpira de modo diferente e potencialmente angustiante.

Topofobia

Relf (1976B) suscita que ante ao caráter celebratório dos lugares situado pela obra de Tuan (2015 [1974]), também seria fundamental considerar às dimensões fenomênicas e emocionais negativas, em que ele destaca o caso da topofobia. De acordo com o geógrafo canadense, essa seria o reverso da topofilia, pautada em lugares que são definidos em função de emoções fóbicas, repulsivas ou com vínculos marcados pela insegurança.

A topofobia é uma experiência de lugaridade em que o horizonte emocional daqueles nela envoltos perpassa por afetos desagradáveis e negativos. Em revés o sentido de apreço, há uma presença marcante de vínculos ligados às sensações de aprisionamento, restrição ou vontade de fuga que incorrem em angústia e agonia. As dinâmicas intercorporificadas e intersubjetivas são permeadas pela inconformidade, pela aversão e pelo desconforto referentes às vinculações com conotações mormente perturbadoras.

A situação topofóbica demonstra como alguns lugares têm a capacidade de gerar vertigens (Onfray, 2009) em função de cristalizarem as faltas de vontade de retorno ou os nexos relativos a péssimas lembranças que podem gerar “emoções difusas, percepções desordenadas, colhidas em fragmentos, pedaços do real sem relações (...)” (Onfray, 2009, p. 50), são, portanto, condições que retornam ao Ser quando em encontro com tais matizes lugarizadas.

Por permear as relações, as emoções conduzidas pelos fenômenos da experiência vivida possibilitam que os lugares sejam odiados, temidos e ojerizados, podendo inclusive gerar adoecimentos psicológicos naqueles que romperam com determinados vínculos de lugares ou criaram novos vínculos pautados mormente em situações negativas. Isso é algo particularmente evidente em lugares de ‘caos’, como nos casos de guerra, onde aqueles que estiveram em centros de conflitos usualmente conformam vinculações ligadas a severos quadros topopatológicos.



Trigg (2017A) conceitua que a topofobia expressa um conjunto de vínculos de lugar fóbicos que também envolvem a agorafobia, claustrofobia, gefirofobia, mictofobia, fotofobia, acrofobia, dentre outras. Para além desses transtornos psicológicos de ordem topopatológica, a topofobia também inclui variadas formas de se relacionar com o lugar que são enoveladas por arranjos angustiantes decorrentes de situações de violência, expropriação, expulsão ou assédio físico ou mental.

Por uma perspectiva fenomenológica, os sentidos topofóbicos não estão presentes no espaço, no corpo ou no mundo por eles mesmos (Trigg, 2017a). De fato, esses elementos formam um entrelaçamento de aspectos decorrentes de uma postura fóbica do ser-no-mundo. Trata-se de uma angustia corporifica que se relaciona aos vínculos de lugar permeados pela topofobia que são retroalimentados continuamente pela experiência mundana geradora de ansiedade e agonia, a qual se torna mais evidente nos casos extremados dos transtornos psicológicos, mas que também se aplica ao medo de determinadas lugares das cidades ou das violências isoladoras em áreas rurais descritas por Tuan (2005).

Segundo Trigg (2017a, p. 70, tradução nossa), “o corpo angustiado é uma existência que se apresenta como tendo independência do sujeito dele ou dela e, nesse sentido, nunca pode ser possuído porque me transcende”. Em razão disso, a experiência da topofobia é marcada pela sensação constante de aprisionamento ou da vontade incontrolável de fugir de algum tipo e/ou hostilidade real, potencial ou imaginada.

A conformação de vínculos de lugar hostis àqueles que neles coabitam é um elemento nevrálgico para a definição das experiências topofóbicas. De acordo com Tuan (2012), a hostilidade é um relacionamento regulatório que retroalimenta relações contínuas determinadas por um caráter próximo ao destrutivo. A própria nostalgia pode ser um fator que gera hostilidade de lugares pretéritos ante os sentidos de lugar atuais que se desencontram com como aquele local era antes, gerando afeições negativas entre os seus coabitantes, como descreve Trigg (2012).

Paquet (2023) demonstra os contornos hostis que podem fazer parte da dinâmica da topofobia por meio do caso da cidade de Secunda na província de Mpumalanga na África do Sul. A autora explica como a violência simbólica pós-apartheid gera resistências à transformação por parte de gestores e governos topofóbicos que reforçam a segregação urbana e o privilégio branco. Para uma parte dos habitantes, a manutenção do seu *status quo* enovela discursos de que reiteram a topofobia em que o lugar do não branco é definido como perigoso, caótico e necessário de ser apartado, o que gera enclaves altamente segregados. Desse modo, as experiências de topofobia também podem ser instrumentalizadas por agentes públicos ou determinados grupos para criar ciclos viciosos de tensões e violências sociais

A situação angustiante definidora de um lugar topofóbico pode partir de variados contextos que escapam à possibilidade de controle do corpo-sujeito. Trigg (2017a) explica que fenomenologicamente concebida, a angústia é um tipo de experiência de encontro com as dimensões de impessoalidade e vulnerabilidade corporal que ameaçam tanto a vida quanto a imagem do ‘eu’ (*self*) como ser para-si. Ameaças diretas à corporeidade e a existência podem fazer certos locais se tornarem geradores de medo durante um certo período.



Desta forma, o que vem diretamente com o pensamento topofóbico sobre os lugares é a ideia elemental de uma fuga ‘egoesférica’ (Sloterdijk, 2014), pois o Ser atravessado pelos sentimentos revelados pelas fobias será um narcisista do espaço impelido pelas condições que lhe foram apresentadas, medo, pavor, e isto gera o monádico modo de se estar-no-mundo.

Essa situação remete aos imaginários urbanos de epidemias, como foi o caso da febre amarela em Buenos Aires em 1871, analisada por Guiastrennec (2023). O autor discorre que o imaginário de perigo, de infeccioso e de assustador se misturaram naquele momento de modo que as zonas topofóbicas da cidade se expandiam conjuntamente à doença. Essa situação de topofobia remete também ao estado de várias cidades durante os primeiros meses da recente pandemia de COVID-19, em que as atmosferas afetivas eram marcadas pela angústia aterrorizante da presença e da mortalidade do vírus. O exemplo disposto coaduna a noção de que a topofobia envolve corpos-sujeitos angustiados que se sentem em vínculos aprisionantes ou envoltos à necessidade de fuga do lugar angustiador.

Consideramos que a topofobia é, em suma, uma experiência geográfica resultante da angústia e do medo associados à instabilidade situacional ameaçadora que define lugares traumáticos, arruinados ou instados por emoções negativas. Trata-se de uma vinculação associada aos sentidos da aversão angustiante referentes a uma determinada lugaridade entendida como hostil, ameaçadora e violenta.

Topoapatia

Mais que dois polos abstratos semelhantes a tipos ideais, existe uma multiplicidade de outras vivências emocionais que são conformadoras de lugaridades. Ante a filia e a fobia hegemônicas nos estudos dos vínculos de lugar, há pontos intermediários que podem deslocar o olhar para questões usualmente preteridas. É o caso do sentimento de tédio, da angústia, da falta de empatia e da ansiedade movimentadas por determinados lugares articulados pela apatia hodierna. Reverbera nesse aparte as seguintes questões: *De que maneira podemos estar nos relacionando com os lugares que se abrem para nós, mas que perdemos ou não constituímos vínculos emocionais positivos e nem negativos? Como percebemos que o lugar se tornou apático, como isso se revela no fenômeno? A apatia é uma negatividade expressamente mensurada capaz de se classificar como um nada, uma neutralidade ou de fato uma negação?*

As questões destacadas evidenciam as distinções que estamos intencionados nesse ensaio. Há alguns enfoques tratados tanto na Geografia como em outras áreas que recepcionam a motivação voltada para a consciência de pertencimento defendida na perspectiva topofílica e das rupturas que a negatividade eleva no contexto de experiências topofóbicas, porém a experiência apática tem sido mormente preterida pelos(as) geógrafos(as). Como destaca Trigg (2017b), as afetividades e as intersubjetividades de lugares menos centrais, como terminais de transporte público ou supermercados, tendem a serem reduzidas a uma dimensão de não-lugar que oculta as dinâmicas relacionais que neles ocorrem.

Nosso desejo em averiguar uma fenomenologia geográfica da apatia se integra na premissa que lugares desvinculantes podem ser produtores de *topoapatias*. Há lugares em que não se constroem nem mesmo oportunidades vinculadoras, mas afastamentos sentidos pelo próprio corpo, geradores de estresses que não proporcionam ao *Dasein* nem direção e nem



desafastamentos ou vinculações acordantes às observações dos defensores da condição existencial do Ser.

Assim como a empatia passa pelo mundo como pertença partilhada entre o ‘eu’ e o outro, a proximidade e a distância (Zielinski, 2009), a apatia é intrínseca a um processo relacional de (des)afastamento. Os afetos apáticos geram vínculos contraditórios e ambíguos porquanto decorrem de processos desvinculantes de ausência, desamparo, desanimação ou supressão emocional. Simultaneamente, essas emoções também (re)fazem vinculações porquanto definem lugaridades por meio da apatia que sentimos ao nos referirmos a eles.

A proposição da topoapatia é transcender os problemas e os reducionismos emergentes de uma fenomenologia dos não-lugares, posto que esses, segundo Trigg (2017b), também são lugares formados por camadas existenciais decorrentes dos ritmos habituais. Por mais que a apatia emergja nas relações pragmáticas, dinâmicas e inocuamente inseridas em nossos mundos-de-vida, ela também tem uma dimensão fundamental para as relações do ser-no-mundo porquanto são *loci* significativos de experiências intercorporificadas e intersubjetivas que se articulam a lógicas desvinculativas vivenciadas no cotidiano.

Existe um caráter apático que enovela as experiências hodiernas daqueles que coabitam um dado lugar e nele constroem suas existências. Para além dos sentidos topofílicos e topofóbicos que surgem nas dinâmicas corpo-perceptivas corriqueiras, existe também um sentido de recorrência, de que, como descreve Seamon (2018A, p. 188, tradução nossa, grifos no original), a vida “*simplesmente ocorre* por conta de hábitos, de rotinas e da inércia tomada como certa da vivência no dia a dia”. A topoapatia envolve esses afetos inerciais referentes aos afazeres sequenciais e usualmente impensados que situam os lugares como pano de fundo para os horizontes de indiferenças que cercam a cotidianidade.

O acesso às dimensões topológicas consideradas como apáticas podem ocorrer de diferentes maneiras. Ao partir de uma compreensão fenomenológica de que o *Dasein* se traduz a um ‘ser-em-situação’, este acesso é constituído pelas necessidades hodiernas e, por vezes irrefletidas, de estar-no-mundo.

A apatia torna-se um elemento que (re)significa e (re)define determinadas espacialidades por geograficidades da rotina, daquilo que Relph (1976A, p. 41, tradução nossa, grifos no original) descreve como “um puro trabalho penoso e entediante (*drudgery*) do lugar, um sentido de estar inexoravelmente ligado a *esse* lugar, de estar delimitado às suas cenas, símbolos e rotinas estabelecidas”. O caráter topoapático é uma das dimensões inerentes à continuidade da existência da lugaridade porquanto emerge de um estresse sem oportunidades vinculadoras marcantes por afetos outros que não os da repetição, mesmice e tédio. Como expressões emocionais da supressão, as apatias desdobram de formas de afetar e ser afetado pela indiferença agonizante que sentimos ao estarmos presos à inércia indiferente do dia a dia.

Segundo Švec (2023), nos encontros usuais e cotidianos as pessoas costumam recorrer a rituais, hábitos e roteiros que as indicam como devem se sentir, assim como quais emoções podem externalizar. Para evitar conflitos e evitar de confrontar-se com as ameaças aos lugares topofílicos, assim como desviar da angústia topofóbica, elas criam estratégias apáticas que visam generalizar e tornar rotineiros determinados espaços, contraditoriamente os lugarizando



(atribuindo definição e significado) pela ausência de vínculos potentes. A apatia dessas lugaridades é a cristalização dessa vida que *simplesmente ocorre e precisa acontecer*.

Lugares podem ser transmutados em topoapáticos devido a dimensão fenomênica exposta do mundo em sua imanência advinda das experiências, como sua carga intrínseca ao Ser que se revela em sua intimidade, em seus afetos. A topoapatia é uma espécie de resposta emocional que visa desviar dos conflitos e das assombrosas tensões que são vivenciadas nos espaços em que a vida de fato ocorre, especialmente nos processos em que a espacialidade oferece riscos ou desconfortos intrínsecos à condição de ser-no-mundo.

A topoapatia é um mascaramento que metamorfoseia as opressões das lugaridades em situações palatáveis, de forma a transmutar uma potencial geograficidade arruinadora em algo que é vivido de modo hodierno por meio de afetos apáticos de aceitação à precariedade do lugar. Essa situação pode ser evidenciada no caso de cidades que perderam suas capacidades industriais e se tornaram lugares com ruínas de fábricas abandonadas corporificam a decadência e os aspectos desoladores que precisam ser cotidianamente enfrentados pelos coabitantes.

A força que esses lugares movimentam no consciente e subconsciente reviram as impressões que outrora existiam em sua dinâmica. A condição pulsante da força em que alguns considerariam espectrais levantam as especulações existenciais e psicológicas em espaços que sofreram com a sua própria decadência. Certamente, há muitos espaços espectrais em que o tempo se encarregou de extrair de si as fontes mais centrípetas para a geração de afetos de prazer, alegria e satisfação, multiplicando as apatias.

A apatia é uma consubstancialização partilhada de aberturas emocionais ao caráter repetitivo dos lugares que somente é percebido nas situações em que há um desencaixe que nos força a ver o mundo de uma outra forma que supere os vícios do olhar topoapático que oculta a vulnerabilidade lugarizada. Ao tomar consciência do nível irrefletido das dinâmicas da topoapatia, é usual que as pessoas se inquietem com o absurdo e a angústia do vínculo afetivo que constituíram naquela lugaridade. Pyyry e Aiava (2020, p. 06-07, tradução nossa) exemplificam o caráter espacial dessa relação ao descreverem a seguinte sensação de desencontro:

É estar parado lá, no meio do cruzamento, em uma cidade que você conhece tão bem e sentir-se completamente e totalmente deslocado. É estar perdido em casa. Há uma sensação de alienação e, conforme o mundo é achatado, as hierarquias são derrubadas e todos os objetos cotidianos são evacuados dos sentidos a eles atribuídos, assim como das orientações que nosso olhar circumspecto normalmente mantém.

O que o exemplo demonstra é que existe uma dimensão de segurança que é construída pela apatia que visa preterir a constatação do absurdo vislumbrado pelo desencaixe com as espacialidades intrínsecas a vida cotidiana. Em conjunto a essa confortante e inquestionada monotonia, a ansiedade não enclausurada se manifesta em tonalidades ou graus maiores ou menores, controlados ou não, garantindo inclusive a produção de um 'eu' (*self*) negativo (Pessanha, 2018), assim como de lugaridades negativas particularizadas pela apatia. O que chama a atenção nesse constructo é que como escreve Pessanha (2018, p. 31):

O homem preenchido e acompanhado é como um ovo com dois furinhos nas laterais. Esses furinhos garantem que ele possa chorar num filme, apaixonar-se num cruzeiro ou mesmo



comover-se com o mendigo que geme de frio. Já o homem da solidão não visitada equivale a um ovo cortado ao meio. Ele é mais miserável que o mendigo, vive em estado de paixão permanente e não precisa ir ao cinema. O rasgado canta porque vive na espera do acontecimento que não aconteceu.

Infere-se que a capacidade que o lugar tem de preencher o ser-no-mundo é importante ao retirá-lo da miséria que o acomete quando se vincula provisoriamente com lugares inerciais, monótonos e automatizados— permeados pela topoapatia. Pessanha (2018) confirma isso porquanto ao se dirigir para as correlações espaciais expõe as aberturas íntimas que nos envolvem. O lugar, neste sentido, pode constituir as misérias e as precariedades significativas da experiência efetiva ou potencial do trabalho penoso e entediante da vida cotidiana.

No mundo ambíguo em que estamos envolvidos, estimulados por cenários padronizados pelas rotinas laborais, a topoapatia é um fenômeno que aparenta desconectar as pessoas com o ambiente formar cisões emocionais que as afastam de suas realidades imediatas. Isso as faz aceitarem as opressões corriqueiras e a tediosa mesmice da rotina sem se questionarem em busca das raízes do potencial angustiante ou apreciativo dos lugares. A condição topoapática é, logo, instrumental para a manutenção do *status quo*, assim como para evitar enfrentamentos à ordem vigente.

Simultaneamente, cabe ressaltar que semelhantemente às constatações de Pyyry e Aiava (2020), as emoções evocadas pela constatação do contexto topoapático também podem ser caminhos para oferecer *fechos* para determinadas situações ao não deixar outra opção que não a de descartar uma ideia previamente aceita. Os afetos ligados à apatia, portanto, também são ou podem ser tramas que levem aqueles nela envolvidos a, no momento de contemplação do absurdo, vislumbrarem novos horizontes rumo a como o lugar poderia ser para além das dinâmicas de topoapatia.

Essas topologias carregadas de emoções convergentes a apatia (tédio, mesmice, rotina, monotonia, *i.e.*), conduzem a vivência com certo nível de introspecções. Trata-se do motivo pelo qual os lugares e as experiências que dali suscitam, mesmo quando topoapáticas, moldam o Ser. Este Ser, ao se incomodar com lugares que transmitem condições contrárias aos vínculos de pertencimento, afetos positivos ou negativos, gera formas de convivência automatizadas. Nesse processo, a vida cotidiana persiste inquestionada por várias pessoas, de forma que os lugares topoapáticos reforçam essa monotonia (des)confortante que é articulada a (des)afastamentos.

ABERTURAS E AMBIVALÊNCIAS DOS VÍNCULOS DE LUGAR

A articulação entre topofobia, topofilia e topoapatia demonstra que os vínculos de lugar são permeados por emoções ambíguas e múltiplas, as quais por vezes se misturam. Existe uma natureza ambígua inerente ao caráter intra e interafetivo das emoções salientado por Švec (2023) que emerge nos variados entrelaces das expressões da lugaridade que perpassam o espectro entre apreço, medo e apatia. Como desdobramentos da condição de ser-no-mundo, as lugaridades evocam as ambivalências emocionais que fazem parte da experiência geográfica.



Relfh (1976A) explica que as experiências de lugar são resultantes de combinações de elementos e vinculações recorrentemente provisórias, inesperadas e espontâneas. Destarte, cada lugaridade reflete contextos de lugaridades abertos e porosos que evocam espectros emocionais variados, que podem decorrer de desejos libidinosos, amores pueris, nostalgia, afeição e saudade, como também do ódio violento, tédio angustiante ou apatia desesperadora.

Ao ponderar a ideia das emoções como medida expressa das relações intra e interrelacionais, pode-se buscar refúgios mediante as experiências que o ser-no-mundo enfrenta e que podem cortar o efeito catalisador dos lugares. O nexos coletivo e nuclear dos lugares é a sua geração incontestada de (des)prazeres sensoriais, reagrupamentos emocionais, o horizonte de direções e sentidos, assim como as invocações do Ser para mudanças.

Enquanto módulo de vivência, as relações construídas em meio à partilha coletiva em que nos encontramos, sejam estes coletivos sociais das mais diversas estruturas e até mesmo os coletivos das coisas que nos permeiam, nos motivam a pensar em envolvimento que se constituem verdadeiros vínculos. Em razão disso, os vínculos não são padrões, normas ou exigências preestabelecidas, pois se tornam essenciais para a manutenção e transformação daquilo que se denomina como emoções.

Nos vinculamos diretamente, indiretamente e de maneira até mesmo improvisada com entes de todas as ordens, pois, em perspectivas ontológicas, o Ser se traduz de certa forma em sua peculiaridade de possibilidades e autenticidades com as manifestações da manutenção ou não dos vínculos. Não existe nenhum *Dasein*, nenhum Ser privilegiado, que não mantenha em seu sentido originário aproximações que são instituídas enquanto vinculações.

Desta maneira, mantemos vínculos desde antes do nascimento com estruturas que parte da fenomenologia tradicional não teve interesse em despertar para mergulhar em um desvelamento que pode ser considerado como um 'retorno para dentro'. Estamos desde sempre e quase que efetivamente, mais interessados pelo exterior que pelo interior. *Que vínculos mantemos antes do nascimento e com quem? O que se manifesta como topologias a partir da formação destas vinculações?*

Para o fenomenólogo Sloterdijk (2016), essas problemáticas envolvem despertar para os entraves que *suscitam* a verificação de outras topologias instituidoras de vinculações dos seres. Mais que atribuir latência e atenção ao mundo externo circundante, há estruturas que nos situam em uma verdadeira jornada enquanto seres-em-vínculos, produtores e mantenedores de espaços e dos lugares vinculantes em nexos de topofilia, topofobia e topoapatia.

Sloterdijk (2016) problematiza *como estruturamos o fato de anteciparmos uma produção topológica no dentro e ao mesmo tempo estarmos vinculado a um algo ou alguma coisa*. Isso implica em realizar uma incursão fenomenológica em busca das produções primitivas do espaço e por antecipação de outros lugares que não apenas os usuais. Na proposta da Fenomenologia da Rotundidade, como ele assim alcunha, depreendemos que estamos em *esferas* produzidas por nós enquanto uma espécie de *designer de interiores* (Sloterdijk, 2016). Por meio dessa concepção, ele salienta que produzimos espaços desde as nossas intimidades biunívocas e nesse caso vinculantes, até as vinculações que partem de teleologias metafísicas



abauladas na projeção daquilo que o platonismo destacou como ‘mundo ideal’, o Cristianismo de ‘Paraíso’, ‘céu’ ou ‘lugar celestial’, como lugares de vínculos *ad aeternum*.

Interceptar o pensamento das práticas do fazer-lugar no momento em que ele se vincula às relações é um dos caminhos para averiguar esse processo. Segundo o fenomenólogo, “Elas compõem as formas mais íntimas do ser-em-forma arredondado, bem com as moléculas que formam a base das relações mais fortes. (...) Se ‘penetração’ fosse a palavra correta, seria possível dizer que penetramos no reino dos fantasmas interiores” (Sloterdijk, 2016, p. 60). Constroem-se redes de vinculações nas relações íntimas que temos uns com os outros e até mesmo naquelas que suscitam relações com as coisas. Saber como penetramos ou somos também invadidos por essas estruturas diz respeito singularmente à constituição de relações afetivas mais fortes ou menos fortes.

Essas marcas são delimitadas pelos *páthos* que se recrudesce em concomitância com a ambientação, produzem afeições, fobias, angústias, tédios, alegrias, prazer, raiva, medo, pavor, monotonias, apatias, desesperos, negatividades que são manifestadas no interior em primeiro lugar e se externalizam mediante as forças desinibidoras que provocam. Isso decorre do suporte “(...) em uma concepção mais fenomenológica que estruturalista da ideologia” (Berdoulay; Entrikin, 2014, p. 99). Por isso, é importante para a ciência geográfica relembrar a importância concernente ao elo sujeito-lugar (Berdoulay; Entrikin, 2014).

As manifestações que ocorrem a partir das relações entre os sujeitos e os lugares em que se encontram permitem que se desencadeiem aproximações ou afastamentos com as topografias que se relacionam em um dado momento. A essência da questão vinculadora e promotora do tipo específico da relação a ser mantida, o envolvimento com o fenômeno em projeção, é aquilo que o(a) afeta e como o(a) afeta. Como anteriormente exposto, são *páthos* diversos que constituem as memórias e vivências dos sujeitos, o que perpassa por dinâmicas topofílicas, topofóbicas e topoapáticas.

Se ele(a) está envolto por uma esfera de elevada capacidade e qualidade musical, teatral, isso significa que ele, ao avaliar o próprio nível de representação, se vinculará ou não àquele lugar e a todos os acontecimentos ocorridos ali. A afirmação aprioristicamente especulativa se revela no momento que desperta no sujeito motivações para um possível retorno, através do uso da linguagem expressando (in)satisfação. Quando o Ser não consegue expressar na linguagem a camada de vínculos afetivos com o lugar, é hora das revelações do próprio corpo, sua manifestação distinta, no chorar, no sorrir, nas expressões faciais múltiplas, conduzem o sujeito ao lugar e em concomitância a uma autêntica maneira de existir.

Similarmente a como o universo da teatralização é capaz de arrebatrar (ou não) os sujeitos para lugares que são próprios, a Literatura também possui essa mesma força. Somos absorvidos ou não por histórias, por teorias, e isto gera lugares no/do pensamento. Nesse processo, fraturamos o todo em partes que nos absorvem, nos prendem ou, dependendo do que vemos, nos afastamos. São outros vínculos em lugares que transcendem a extensividade de onde estamos inseridos. Nos apropriamos de outras condições que só são possíveis mediante as relações que surgem, de modo a constituir lugares irremediavelmente transitórios ou que adquirem durabilidade através das nossas experiências.



Em uma convergência para o entendimento da configuração da emoção advinda por determinados lugares, pode-se considerar o que Sartre (2023) problematiza em seu *Esboço para uma teoria das emoções*. O filósofo faz um exercício de imaginar uma pessoa na busca por um cacho de uva que, apegada a um desejo de a saborear com a qualidade imaginada, depois de várias tentativas se depara com uvas distintas da sua vontade. Dessa forma, as características apresentadas pela fruta de seu interesse não a absorvem de maneira prazerosa formada pela sua expectativa. Entre a vontade de saborear uvas doces, ele alcança uvas verdes, captando, como ele menciona, “o amargor da uva através da conduta de aversão” (Sartre, 2023, p. 65). Depreende-se deste inusitado momento com o fenômeno de desejo, a contrária manifestação de decepção em um lugar e suas expectativas geradas a partir dali.

O experimento sartreano demonstra como a multiplicidade experiencial decorrente das emoções envolve um conjunto de elementos que perpassam por desejos, expectativas e decepções. De modo similar, ele destaca como os arranjos afetivos são feitos por contradições, ambiguidades e por um amplo espectro de fenômenos emotivos que se somam de modos contingenciais em função de determinadas situações. Ao direcionar para a Geografia, verificamos que a incitação explícita a porosidade relacional da geograficidade de ser-no-mundo que entrelaça topofilia, topofobia e topoapatia.

As vinculações e desvinculações com as topologias podem ser consideradas rebentos que podem ter linhas tênues diferenciadas em algumas ocasiões, mas que simultaneamente, dependendo do lugar e da situação envolvente, conduzem a inflexionar o ser tanto para o medo e temor quanto para a apatia e o asco. Necessitamos aprofundar as diferenças que as relações são capazes de revelar por meio de sua dimensão existencial e fenomênica que transcendem o apeço e o enraizamento. Trata-se de reconhecer as multiplicidades emocionais que são intrínsecas às aberturas emocionais da experiência geográfica.

Ambiguidades emocionais nas porosidades dos lugares

O caráter multivalente na constituição dos lugares envolve a forma como seus vínculos podem ser concomitantemente ligados aos afetos apreciativos e degenerativos que geram ciclos viciosos (Seamon, 2018B). Ao mesmo tempo em que uma espacialidade fomenta sentidos topofílicos, ela também pode ter horizontes topofóbicos ou topoapáticos que decorrem da ambivalência existencial da geograficidade, a qual, segundo Dardel (2011), por vezes exige o sofrimento e o trabalho dos seres humanos.

Um exemplo desse processo são os sentidos dos vínculos de lugar referentes ao contexto doméstico de mulheres em áreas rurais descritos por González (2005). Pautada na sua pesquisa etnogeográfica no vilarejo rural de Zangrillejas no sudeste espanhol, ela demonstra que a casa possui sentidos de lugar ao mesmo tempo positivas e negativas para as camponesas, em que elas a associam concomitantemente aos afetos de conflito e segurança, pertença e violência, julgamento e liberdade inerentes às estruturas patriarcais a que estão submetidas.

Esse caso, assim como vários outros similares envolvendo minorias LGBTQIA+ ou étnicas, revelam a complexidade e a saturação das emoções que compõem os lugares. A



lugaridade expressa esses horizontes de ambiguidades e aberturas experienciais que se realizam para além do apego muitas vezes associado ao estereótipo do lar como ideal do habitar topofílico descrito por Tuan (2015).

Semelhantemente, alguns lugares que sofrem com a poluição ou com a contaminação de seus resíduos hídricos também podem estar permeados por perspectivas de envolvimento emocionais ambíguos. Eles podem ser assombrados pelos afetos de desesperança e de apatia, bem como tristeza e de angústia que é concomitante às sensações de nostalgia e saudade topofílica daqueles que neles coabitavam em situações física e psicologicamente menos tóxicas.

Isso pode ser exemplificado em Pripjat na Ucrânia que foi abandonado em 1986 em razão do desastre da Usina de Chernobyl. Conforme evidenciado nas vinhetas etnográficas realizadas por Rush-Cooper (2019), por mais que existam afetos de medo, de raiva, de nostalgia e de angústia, há também uma mórbida curiosidade que é evidente no turismo que ocorre nas paisagens nucleares pós-ecocídio desse país, assim como ocorre nas ruínas de Fukushima no Japão. Essas articulações reverberam como as geografias emocionais dos lugares são potencialmente ambíguas.

É também a situação dos seres humanos e não humanos que foram alvos dos ecocídios de Mariana e Brumadinho na década de 2010, em que os rompimentos das barragens causaram irreparáveis danos socioambientais. O que reúne esses casos é como eles se lugarizaram de modo a legar tanto a nostalgia topofílica quanto a angústia topofóbica de maneira concomitante a situações de topoapatias para outros que não foram diretamente afetados, mas que precisam lidar com ela corriqueiramente.

Esses e outros exemplos demonstram como os lugares mesclam múltiplos afetos ambivalentes que decorrem do devir intrínseco à condição pluralizada e pluritópica de ser-no-mundo. Em transcendência a uma valorização e idealização simplificadora dos sentidos de lugar reduzidos a uma característica de enraizamento, as dinâmicas de fazer-lugar ser concebidas como emersões dos vínculos multivalentes com a realidade geográfica. No horizonte de emersões das relações existenciais do mundo-da-vida, a lugaridade é fruto da dinâmica corpo-perceptiva e ambígua pela qual os espaços adquirem vinculações lugarizadas por meio das distintas esferas de ambivalências emocionais.

Emoções, como componentes intrínsecos e por vezes contraditórios da experiência de ser-no-mundo, expressam a multiplicidade afetiva dos (des)encontros da geograficidade. Mesmo situações negativas de dor, perda ou luto, argumentam Pyyry e Aiava (2020), podem criar ou estimular um sentido de totalidade ou abertura que fazem com que os lugares adquiram significações distintas que os libertam do trabalho duro e entediante do cotidiano. Nesse sentido, os horizontes emocionais consubstanciam contraposições entre expectativas, medos e sonhos que perpassam pela realidade geográfica.

Isso incorre na constatação de que os próprios vínculos emocionais concernentes aos lugares podem ser destrutivos ou construtivos, como discorre Belk (1992). A vinculação emotiva a determinadas espacialidades pode tanto expandir nossas autoimagens quanto também as colocar em risco (Belk, 1992). Ressaltar a abertura emocional dos vínculos de lugar não



significa, portanto, evocar os afetos positivos, mas a ambiguidade polissêmica inerente à experiência de ser-no-mundo.

Um mesmo lugar que hoje possui vínculos para um grupo em função de sua identidade coletiva de apreço pode se desarranjar e tornar-se definido pela agonizante apatia do cotidiano repetitivo em um momento posterior. Tomados por certos sentimentos, as pessoas podem agir de modos intempestivos, “explodirem” e tornarem a atmosfera afetiva de um dado lugar em algo diferente, demonstrando a porosidade experiencial entre topofilia, topofobia e topoapatia.

Vislumbrar as aberturas emocionais dos lugares é evidenciar uma trama de reconhecimentos das multiplicidades de afetos positivos, negativos, apáticos e quaisquer outros que se situam ambigualmente nesse espectro como conformadores de definições e de sentidos para as lugaridades. Os horizontes de experiências emocionais decorrem em vínculos de lugar que variam em valência, muitas vezes misturando emoções aparentemente ou evidentemente contraditórias, como raiva e amor ou apatia e curiosidade ou medo e envolvimento por/com determinados lugares. Nesse sentido, contemplar as ambivalências emotivas que cristalizam os lugares coloca em evidência o caráter dinâmico dos (des)encontros da geograficidade.

Para tanto, consideramos mister direcionar-se rumo a um sentido aberto de lugar que não se resuma a afetos positivos ou negativos e que considere as multiplicidades ambíguas de cada lugaridade. Segundo Larsen e Johnson (2012), essa abertura pode ser composta por uma busca por tessituras do fazer-lugar que enfatizem relacionamentos instáveis e situacionais. Associar topofobia, topofilia e topoapatia como manifestações ambivalentes das lugaridades, ou seja, aberturas relacionais e emocionais dos lugares, é uma forma de explicitar esses relacionamentos situados nas fronteiras da realidade geográfica.

Mais que algo fechado e exclusivo, focado em enraizamentos ou afetos introspectivamente constituídos por lógicas solipsistas, cada lugar pode ser vislumbrado como expressões porosas dos contatos entre seres e mundos. Porosos e abertos, os lugares são resultantes dessas conexões, reciprocidades e ubiquidades experienciais, da comunalidade com aquilo que também está relacionalmente em outros horizontes de lugar que convergem pelos contatos e trocas coabitacionais (Danami, 2018).

As aberturas emocionais dos lugares convergentes às propostas de Larsen e Johnson (2012) e de Danami (2018) podem ser entendidas como os caleidoscópios de sentidos que se perfazem entre múltiplas entidades e afetos. As teias de sentidos emocionais das lugaridades refletem os múltiplos (des)encontros afetivos que os entrelaçam à complexidade do mundo-da-vida e à condição paradoxal do Ser em sua vulnerabilidade e finitude que engendra distintas posturas intersubjetivas e intercorporificadas.

Essa situação também incorre no que evidencia Zielinski (2009) ao salientar que a própria abertura e porosidade emocional é um fenômeno decorrente da susceptibilidade existencial a sofrer, à vulnerabilidade ontológica original que tanto permite significar os lugares quanto estar envoltos nos riscos pessoais, naturais, corporais, psicológicos, culturais e sociais a eles inerentes. Subsumir essa dimensão ambígua e vulnerável seria secundarizar a própria porosidade da geograficidade que possibilita ao *Dasein* engendrar vínculos de lugar.



As ambiguidades das aberturas emocionais dos lugares se corporificam na tensão entre a empatia e a apatia que convergem em espectros ambivalentes de como as relações espaço-existenciais efetivamente se manifestam na condição de fenômenos experienciais. Ambos os afetos são, de fato, formas de lidar com essa vulnerabilidade geográfica do ser-no-mundo. O espectro de aberturas empáticas e apáticas são caminhos muitas vezes conjuntos para ressignificar o mundo-da-vida e semear lugaridades.

Os ciclos viciosos de apatia ou os virtuosos de empatia cristalizam sentidos de lugaridades que salientam o movimento inerente às relações espaciais envoltas pelas porosidades das emoções. Esse dinamismo composto “de lembranças e esquecimentos, de esperança e desespero”, como argumenta Murchadha (2015, p.37, tradução nossa), demonstra como as aberturas emocionais dos lugares são emergências fenomênicas intersubjetivas e intercorporais envoltas por vulnerabilidades de afetar e ser afetado pelas lugaridades.

As aberturas emocionais dos lugares possibilitam imaginar condições que envolvem a emoção e a existência como partícipes de um processo de entrecruzamentos, agenciamentos e das multiplicidades do devir envolvente que são absorvidos cotidianamente. Nesse sentido, podem-se abranger manifestações fenomênicas que estão sujeitas a estarem envolvidas como em um turbilhão.

Essa ação pericotérica, estar em algo no algo produzindo algo, estar no lugar (algo) a partir de um algo (afeto), produz algo (topoapatias, topofobias, topofilias), demonstra como a ambiguidade permeia as aberturas relacionais da realidade geográfica. Estar em um turbilhão é se deparar constantemente com mudanças. A acentuação que é dada a experiência é resultado das ações engajadas na fatídica situação que nos faz estabelecer (ou não) afinidades com o que dispomos enquanto lugar. Por isso, que aceitamos que ao sermos sugados para dentro do turbilhão, nos envolvemos com radicalidades da contingência que a vida no, do e pelos lugares nos proporciona.

Os lugares não são, portanto, inerentemente topofílicos, topofóbicos ou topoapáticos, mas, de fato, cruzamentos de diferentes vulnerabilidades a aberturas que se entrelaçam essas distintas aberturas emocionais. Como desdobramentos plurais do caráter ambíguo do vínculo originário da geograficidade, as ambivalências corpo-perceptivas do turbilhão de interações espaço-existenciais demonstram a complexidade fenomenológica de ser-no-mundo.

A ambiguidade geográfica do lugar desdobra-se da origem (inter)corporificada do surgimento de ocorrências de vida bem demarcadas desde o corte do cordão umbilical até os níveis de amadurecimento descrito por Chaveiro (2014). Logo, a corporeidade é uma verdadeira cornucópia de histórias capazes de formatar lugaridades ambivalentes em configurações dinâmicas envolventes que evoca o turbilhão nevrálgico da porosidade emocional dos lugares.

Existe uma estreita ligação entre o *Dasein* que se encontra co-espacializado a todo momento. A partir dessa co-espacialidade em que se encontra a sua própria modelação vinculatória, tanto com os espaços em que sua intrusão física ou psicológica deixará marcas íntimas ou não. As ambivalências dos lugares revelam relativizações e cortes que se manifestam pelas condições *sui generis* que são acrescentadas pelas geografias experienciais de ser arrebatado pelo turbilhão.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Topofilia, topofobia e topoapatia demonstram as múltiplas aberturas emocionais dos lugares. Como espacialidades estruturadas pelos significados e definições corpo-perceptivas, os lugares são permeados por geografidades ambivalentes, ambíguas ou contraditórias que entrelaçam as condições de ser-no-mundo. Nas variadas emersões das lugaridades, o amplo espectro dos afetos, positivos, negativos e, mais usualmente, algo entremeio a isso, demonstram as características plurais das dinâmicas espaço-existenciais do mundo-da-vida.

As emoções são traduzidas para o Ser de maneira ontológica e geográfica, como caminho para inserir-se positivamente em um lugar que predomine o prazer, gerando o pensamento congruente a topofilia. Simultaneamente, consideramos que no Ser e nos lugares os antagonismos estão sempre presentes e, da mesma forma, o lugar pode estremecer e romper com toda a prazerosa maneira de querer estar no lugar, dando espaço para as negativas sensações que desencadearam medo, pavor e repulsa topofóbicas.

Quando a falta de sentimento pelo lugar o transforma em monotonia, dúvidas podem ser semeadas. Neste último caso, para lugares em que não há expectativas nem boas ou ruins, e que as manifestações são topoapáticas, é coerente replicar que “viver na indiferença” seja o adequado. Faz-se fundamental suspender o pensamento e mergulhar no desvelar fenomênico das bifurcações do lugar por meio dos afetos, das sensações e das emoções. A Geografia, mesmo nascente do ideário da “ciência da Terra” (*Edkunde*), não nos impede de interpretá-la com o envolvimento pujante das nossas emoções. Por meio da fenomenologia, pode-se enlevar-se pelas trajetórias das emergências plurais do mundo-da-vida e de suas potencialidades corpo-existenciais.

As emoções e os vínculos de lugar que podem ser vislumbrados nas expressões da topofilia, da topofobia e da topoapatia demonstram o espectro de afetos ambivalentes que permeiam a realidade geográfica. Mais que uma condição subsumida em um reducionismo a uma ou outra forma de emoção, a lugaridade é desdobramento das variadas formas de fazer-lugar e de (des)constituir vínculos de lugar. Acreditamos que o acréscimo da topoapatia ao rol de conceitos balizadores dos sentidos dos lugares pode contribuir para explicitar a densidade e amplitude dos espectros de emoções e relações que se situam nas fronteiras das geografias do mundo-da-vida.

Ter como norte a ambivalência no âmago dos lugares é um caminho para geografias emocionais que possibilitem complexificar as aberturas afetivas da geograficidade. As porosidades e ambiguidades emocionais dos vínculos de lugar demonstram como a condição de ser-no-mundo e de viver os lugares estão imbricadas à níveis existenciais que superam a extensividade. A pluralidade de sentidos, sensações e experiências corpo-perceptivas propiciadas pelas tessituras das dinâmicas coabitacionais são usualmente ambivalentes e multifacetadas porque assim também é o mundo-da-vida.

A celeridade do movimento tempo-espaço parece ser também um forte colaborador para a destituição dos elos que antes vinculavam aos espaços. De certa maneira, observamos que o



Dasein desta contemporânea forma de viver tem seu mundo-da-vida como uma esfera para a sua própria proteção. Existe, portanto, uma real situação que, para o aspecto das topoapatias, muitos lugares se tornaram indesejáveis de se *estar*, e a contradição dessa dinâmica é que *estar* é uma premissa basilar do Ser-com e do Ser-em. Nosso movimento de conhecimento e apropriação para a geração de espaços enquanto designers dos mesmos, ocorre somente se estivermos Com e Em. Entretanto, estamos deixando de lado as convivências para buscar o isolamento protetor e com isso o desfacelamento dos lugares rumo a sentidos topoapáticos.

Ao examinarmos os lugares coabitados, podemos nos confrontar com uma pergunta importante: como podemos reconectar-nos com as dinâmicas topoapáticas que parecem se multiplicar ao nosso redor?

Face à apatia imposta pelo cansaço e a repetição do modo de vida contemporâneo, parece ser imperativo buscar caminhos para entender esses processos lugarizados e também enfrentar essas situações. Na luta por uma sociedade mais equalitária, pode ser fundante desbloquearmos o potencial de desvelar os lugares apáticos e fazer ressurgir a energia latente e significativa dos vínculos de lugares como denúncia das situações vividas por seus coabitantes. Por meio dessas práticas, podem-se criar estratégias para evitar os ciclos viciosos de precariedade e salientar potencial emocional e envolvente da geograficidade como ponto inicial para novas sociabilidades, epistemologias, práticas culturais e organizações contra-hegemônicas.

Defendemos uma Geografia das Emoções que reverbere em ondas acústicas capazes de romper com palimpsestos únicos e convencionais. Acreditamos que na Geografia há muito da topofilia, da topofobia, bem como da topoapatia. Esses pontos congruentes estão sempre nos rodeando. Por meio da imersão nas ambiguidades relacionais dos lugares, pode ser possível contemplar as multiplicidades sensoriais e afetivas dos nexos experienciais que dimanam dos vínculos lugarizados.

É importante que a Geografia possa desvelar esses sentidos para reconstituir os caminhos ontológicos necessários para repactuar-se com os mundos-da-vida que tornamos geográficos pela coabitação. O desvincular sentimental, desapreciado do potencial dos lugares, não ocorre meramente pelo lugar-em-si, mas pelo que os sujeitos fazem destes lugares. Em épocas muito antes a essa que vivemos, em que talvez nos sentíamos mais seguros, protegidos em um lugar-refúgio, uma condição de languidez acompanhava o Ser. E isso nos interessa perscrutar para compreendermos os fenômenos que envolvem essa estrutura.

Nosso estímulo está centrado no desejo de revirar o pensamento acerca dos conceitos que fazem parte da Geografia, inserindo em todos os contextos o agenciamento da abertura provocadora. Muitos se acostumaram com uma Geografia tipicamente pautada no observacional, no tocável, sobretudo, quando se desenvolve análises acerca do espaço e das categorias que rotacionam ao redor deste fenômeno. É quase normal empreender esforços de medição das coisas, ante a esforços para a compreensão dos fenômenos que transitam nos horizontes experienciais do mundo-da-vida desvelados pela suspensão.

Para isso, a consciência e a ação são os alicerces dessa transformação, ao cultivarmos as apreciações de maneira mais profunda na estética, voltado para um olhar de sustentabilidade



e vitalidade com os lugares que ocupamos. Isto pode se tornar um processo de cuidado com o Ser para que possamos construir conexões inabaláveis com o mundo que compartilhamos e estamos inseridos. Entender as aberturas emotivas dos lugares, em sua amplitude, parece ser um caminho oportuno para arquitetar geograficidades existencialmente significantes e autênticas.

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- BELK, R. W. Attachment to possessions. In: ALTMAN, I.; LOW, S. M. (Orgs.) **Place Attachment**. New York: Plenum Press, 1992, p.37-62.
- BERDOULAY, V.; ENTRIKIN, J. N. Lugar e Sujeito: perspectivas teóricas. In: MARANDOLA JR., E.; HOLZER, W.; LÍVIA, O. (Orgs.) **Qual o espaço do lugar?** São Paulo: Perspectiva, 2014, p. 93-116.
- CHAVEIRO, E. F. Corporeidade e lugar: elos da produção. In: MARANDOLA JR., E.; HOLZER, W.; LÍVIA, O. (Orgs.) **Qual o espaço do lugar?** São Paulo: Perspectiva, 2014, p. 249-279.
- DANAMI, C. The question of placeness. In: SMITH, W. S.; SMITH, W. S.; VERDUCCI, D. (Orgs.). **Eco-phenomenology: Life, human life, post-human life in the harmony of the cosmos**. Gewerbestrausse: Springer, 2018, pp.541-552.
- DARDEL, E. **O Homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- DAVIDSON, J.; MILLIGAN, C. Embodying emotion sensing space: introducing emotional geographies. **Social & Cultural Geography**, v.5, n.4, p.523-532, 2004.
- ENTRIKIN, J. N.; TEPPLE, J. H. Humanism and democratic place-making. AITKEN, S.; VALENTINE, G. (Orgs.) **Approaches to Human Geography**. London: SAGE Publications, 2006, p.43-41.
- GENDLIN, E. T. A phenomenology of emotions: Anger. In: CARR, D.; CASEY, E. S. (Orgs.) **Explorations in phenomenology**: papers of the society for phenomenology and existential philosophy. Leiden: Martinus Nijhoff, 1973, p.367-398.
- GONZÁLEZ, B. M. Topophilia and Topophobia: The home as an evocative place of contradictory emotions. **Space and culture**, v.8, n.2, p.193-213, 2005.
- GUIASTRENNEC, L. Topofobia en tiempos epidémicos: un ejercicio en torno a los imaginarios urbanos durante la epidemia de fiebre amarilla en Buenos Aires, 1871. **Ofício**: revista de história e interdisciplina, n.17, v.1, p.115-131, 2023.
- HOLZER, W. Mundo e lugar: ensaio de geografia fenomenológica. In: MARANDOLA JR., E.; HOLZER, W.; LÍVIA, O. (Orgs.) **Qual o espaço do lugar?** São Paulo: Perspectiva, 2014.
- HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.
- HEIDEGGER, M. **Ensaio e conferências**. Petrópolis: Vozes, 2012.
- HUGHES, A.; MEE, K. Journeys unknown: embodiment, affect, and living with being 'lost' and 'found'. **Geography Compass**. ed. 12372, p.01-11, 2018.
- JONES, O. An ecology of emotion, memory, self and landscape. In: DAVIDSON, J.; BONDI, L.; SMITH, M. (Org.) **Emotional Geographies**. Ashgate: Hampshire, 2007, p.205-218.
- LARSEN, S. C.; JOHNSON, J. T. Toward an open sense of place: Phenomenology, affinity, and the question of being. **Annals of the Association of American Geographers**, v.102, n.3, p.632-646, 2012.



- MURCHADHA, F. Ó. Space, Time and the Articulation of a place in the world: the philosophical context. In: RICHARDSON, B. (Org.) **Spatiality and symbolic expression: on the links between Place and Culture**. New York: Paulgrave macmillan, 2015, p.21-40.
- ONFRAY, M. **Teoria da Viagem: poética da geografia**. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre, RS: L&PM, 2009.
- PAQUET, T. N. K. The Relationship Between White Privilege, Segregation, Topophobia and Symbolic Boundaries in Secunda, Mpumalanga. In: DONALDSON, R. (Org.) **Socio-Spatial Small Town Dynamics in South Africa**. Springer: Cham, 2023, p.17-45.
- PESSANHA, J. G. **Recusa do não-lugar**. São Paulo: Ubu Editora, 2018.
- PILE, S. Emotions and affect in recent human geography. **Transactions of the British Geographers**. Royal Geographical Society, n.35, p.5-20, 2010.
- PYYRY, N.; AIAVA, R. Enchantment as fundamental encounter: wonder and the radical reordering of subject/world. **Cultural Geographies**, v.7, n.4, p.1-15, 2020.
- RELPH, E. **Place and placelessness**. London: Pion Limited, 1976A.
- RELPH, E. The phenomenological foundations of Geography. **Discussion Paper**, Department of Geography-University of Toronto, n. 21, p.1-40, 1976B.
- RELPH, E. Geographical experiences and being-in-the-world: the phenomenological origins of geography. In: SEAMON, D.; MUGERAUER, R. (Orgs.) **Dwelling, place and environment: towards a phenomenology of person and world**. Dordrecht: Martinus Nijhoff Publishers, 1985, p.15-32.
- RUSH-COOPER, N. Nuclear landscape: tourism, embodiment and exposure in the Chernobyl Zone. **Cultural Geographies**, v.27, n.2, p.217-235, 2019.
- SARTRE, J-P. **Esboço para uma teoria das emoções**. Porto Alegre: L&PM, 2023.
- SCANNEL, L.; GIFFORD, R. Comparing the theories of interpersonal and place attachment. In: MANZO, L. C. (Org.); DEVINE-WRIGHT, P. (Org.) **Place Attachment: advances in theory, methods and applications**. Abingdon: Routledge, 2014, pp. 23-36.
- SEAMON, D. **A Geography of the lifeworld: movement, rest and encounter**. London: Croom Helm, 1979.
- SEAMON, D. Place attachment and phenomenology: The synergistic dynamism of place. In: MANZO, L. C. (Org.); DEVINE-WRIGHT, P. (Org.) **Place Attachment: advances in theory, methods and applications**. Abingdon: Routledge, 2014, pp. 11-22.
- SEAMON, D. **Life takes place: phenomenology, lifeworlds and place making**. New York: Routledge, 2018a.
- SEAMON, D. Merleau-Ponty, Lived Body, and Place: Toward a Phenomenology of Human Situatedness. In: HÜNEFELDT, T.; SCHILITTE, A. (Orgs.) **Situatedness and Place: Multidisciplinary perspectives on the Spatio-temporal Contingency of Human Life**. Cham: Springer, 2018b, p.41-66.
- SERPA, A. **Por uma geografia dos espaços vivos: geografia e fenomenologia**. São Paulo: Contexto, 2019.
- SILVA, M. A. S. Por uma geografia das emoções. **GEOgraphia**, v.18, n.38, p.99-120, 2016.
- SILVA, M. A. S. Temos o direito de imaginar na Geografia? Sobre imaginações, emoções e paisagens culturais a partir de uma perspectiva simbólica. In: TORRES, M. A. (Org.) **Fronteiras da paisagem**. Campo Mourão: Felicam; Curitiba: Editorial Casa, 2022, p.221-256.
- SILVA, M. A. S. Por travessias e atravessamentos: miradas pelas espacialidades emocionais literárias. In: MARANDOLA JR, E.; HOLZER, W.; BATISTA, G. S. (Orgs.) **Portais da Terra: contribuições dos estudos humanistas para a Geografia Contemporânea 1**. Teresina: EdUFPI, 2023, p.305-338.
- SMITH, M.; DAVIDSON, J.; CAMERON, L.; BONDI, L. Geography and emotion: Emerging Constellations. In: SMITH, M.; DAVIDSON, J.; CAMERON, L.; BONDI, L. (Orgs) **Emotion, Place and Culture**. Springer: New York, 2009, p.1-20.
- SLOTTERDIJK, P. **Esferas I: Bolhas**. São Paulo: Estação Liberdade, 2016.
- SLOTTERDIJK, P. **Esferas III: Espumas**. Madri: Editora Siruela, 2014.



- ŠVEC, O. Emotional conducts: a phenomenological account. **Journal of the British Society for Phenomenology**, v.54, n.2, p.146-168, 2023.
- THRIFT, N. **Non-representational Theory**: space politics affect. New York: Routledge, 2008.
- TRIGG, D. **The Memory of Place**: a phenomenology of the uncanny. Athens: Ohio University Press, 2012.
- TRIGG, D. **Topophobia**: A phenomenology of Anxiety. London: Bloomsbury, 2017A.
- TRIGG, D. Place and non-place: A phenomenological perspective. In: JANZ, B. B. (Org.) **Place, space and hermeneutics**. Cham: Springer, 2017B, p.127-141.
- TUAN, Y. **Paisagens do medo**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.
- TUAN, Y. **Humanist Geography**: an individual's search for meaning. Staunton: George F. Thompson Publishing, 2012.
- TUAN, Y. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Londrina: EdUel, 2013.
- TUAN, Y. **Topofilia**. Londrina: EdUel, 2015.
- VOLVEY, A. Sur le terrain de l'émotion : déconstruire la question émotionnelle en géographie pour reconstruire son horizon épistémologique. **Carnets de géographes**, v.9, p.1-20, 2016.
- ZIELINSKI, A. Chair et empathie: Quelques éléments pour penser l'incarnation comme compassion. **Transversalités**, v. 112, p.187-199, 2009.

COMO CITAR ESTE TRABALHO

SOUZA JÚNIOR, Carlos Roberto Bernardes de.; SOUSA, Alexsandro Costa de. Topoapatia, topofilia e topofobia: aberturas emocionais dos lugares. *Revista Tamoios*, São Gonçalo, v. 21, n. 1, p. 74-101, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/tamoios.2025.80845>. Acesso em: DD MMM. AAAA.